

EDITORIAL

O mês de março marca o final do verão no hemisfério sul; os dias estão ficando mais curtos, sinalizando para as populações migratórias que já é hora de ir embora. O ambiente fica mais silencioso; mesmo as espécies que ficam resumem suas manifestações sonoras a vocalizações mais simples. É o final de mais uma estação reprodutiva, que só vai continuar existindo se houver condições ambientais adequadas. A antropização tem mudado tudo e, no que se refere ao meio ambiente, geralmente para pior: supressão da vegetação nativa, mal uso dos recursos hídricos, caça e comércio ilegais da biodiversidade e alterações no clima têm levado a notáveis alterações nos processos ecológicos e na fenologia de inúmeras espécies. As consequências, embora já notáveis, ainda são assustadoras.

Março inclui também o Dia Internacional da Mulher, uma data que foi criada para simbolizar a luta das mulheres por direitos iguais aos dos homens. É inconcebível que, em um mundo tão antropizado, as pessoas ainda não tenham as mesmas oportunidades por causa de seu gênero. Procurei no Google Acadêmico a expressão “Avifauna Brasileira” para o ano de 2021, suprimindo textos não ornitológicos e duplicidades. Ele me retornou 90 trabalhos e, após a filtragem, observei que 19 tinham mulheres como primeiras autoras e, em 18 deles, os homens lideraram. É claro que esses números por si só não são suficientes para sugerir que há igualdade de oportunidades na ornitologia brasileira - há muitos

outros estimadores que devem ser explorados – mas permito-me o direito de ter algum alento. De toda forma, dedicamos esse número às mulheres, uma singela e discreta homenagem para uma data que não pode passar despercebida. Nessa edição incluímos um texto da M.Sc. Maria Antonietta Castro Pivatto e da M.Sc. Clarissa de Oliveira Santos sobre mulheres na ornitologia brasileira. Em Notas para a posteridade, temos as sugestões da Dra. Elizabeth Höfling e do Dr. Miguel Marini. Em ornitologia em foco, a M.Sc. Patrícia Serafini e o M.Sc. Antonio Emanuel de Sousa apresentam o novo manual de anilhamento de aves do Cemave, enquanto a Dra. Lilian Manica nos informa sobre seus projetos envolvendo o gracioso tangará-dançarino. Por fim, o Dr. Pedro Scherer-Neto homenageia ninguém menos do que o Dr. Helmut Sick, quem muitos consideram como 'o pai' da ornitologia brasileira.

Parabéns às Marias faceiras, Marianinhas da cabeça preta, Marias leque, Marias bonitas, Marias da restinga, Marias da testa preta, Marias pequenas, Marias do olho branco, Marias do nordeste, Marias catarinenses, Marias cavaleiras, Marias da praia, freirinhas-amareladas, mães da taoca, mães da lua, noivinhas e mariquitas. À todas, nosso respeito e admiração.

Boa leitura!

Augusto João Piratelli

Universidade Federal de São Carlos



Fotos:
Tânia Mara
de Camargo

CARTA DA DIRETORIA

O mês de março inclui datas marcantes como o Dia Mundial da Água (22), o início do outono no hemisfério sul (20) e o Dia Internacional da Mulher (8). É incrível que nos tempos atuais ainda tenhamos que lutar continuamente pela igualdade de direitos, incluindo os de gênero. Às mulheres não falta competência, mas os direitos muitas vezes não são similares aos dos homens. Na ciência não é muito diferente. Muitas mulheres se sentem desmotivadas e descontinuem suas carreiras por questões culturais, inclusive com a maternidade e o cuidado à prole, que geralmente exige delas uma demanda maior. Apenas na última década é que as agências de fomento à pesquisa possibilitaram às bolsistas, que geram filhos durante a vigência das suas bolsas de pós-graduação, o direito à prorrogação dessas bolsas por alguns meses. Além disso, ainda está em estágio inicial a questão de ampliação de tempo para considerar a produção de mulheres que foram mães em períodos que compõem a produção necessária para competirem em editais de pesquisa.

O presente volume deste Boletim presta uma homenagem às mulheres ornitólogas. Parabéns a todas as ornitólogas! Iniciamos a retomada do nosso [Boletim em agosto de 2020](#) homenageando a notável e exemplar Emilie Snethlage, fonte de inspiração para ornitólogas atuais e

NOTAS PARA A POSTERIDADE

No início da década de 1980 muitos dos atuais ornitólogos ainda não haviam nascido e o Brasil contava com poucos docentes nas universidades que se dedicassem ao estudo das aves, sob seus mais diversos aspectos. Ao retornar de um pós-doutorado no exterior, onde havia me dedicado a pesquisas anatômicas de aves, percebi que havia uma lacuna a ser explorada. Sempre tive interesse em observação de aves, embora o fizesse aleatoriamente, pois não havia sido, até então, meu campo de estudo na área de Zoologia. Foi por meio do curso de anilhamento de aves, ministrado pelo CEMAVE em 1982, que tive oportunidade de despertar para um novo mundo além da anatomia. Assim, em 1984 iniciei o projeto de “Identificação e anilhamento de aves da Cidade Universitária Armando de Salles Oliveira”, o maior campus da USP no município de São Paulo, com mais de 4 milhões de m², local em que eu tive o privilégio de trabalhar durante 40 anos. Desse projeto participaram inicialmente quatro alunos de Graduação e que se renovaram, ou não, nos anos subsequentes, dando oportunidade a outros que vieram a se interessar. O projeto propiciou a introdução à ornitologia de muitos atuais ornitólogos que trabalham em diferentes universidades brasileiras ou outras instituições. Desse projeto participaram mais de 40 estudantes de graduação, muitos continuaram durante a

futuras. Além disso, não podemos deixar passar em branco fato recentemente ocorrido nos Estados Unidos de agressão sexual cometida por um observador de aves conhecido, durante uma excursão de observação de aves em um Parque da cidade de Atlanta. As sociedades ornitológicas das Américas se uniram em solidariedade, repudiando o fato ocorrido e firmando compromisso de manter a segurança de todos os participantes de atividades ornitológicas de campo ou atividades de apreciação à natureza. A SBO também repudia atos desse tipo, se solidariza com vítimas de fatos como o mencionado, não tolera comportamentos individuais que não permitam que outras pessoas possam desenvolver com segurança atividades de campo, incluindo as que envolvem ornitologia.

Fiquemos com a inesquecível frase de Tom Jobim “São as águas de março fechando o verão, é a promessa de vida no teu coração”. Que essas águas de março lavem e levem o que de pesado passou e nos tragam esperanças de renovação para nossas vidas e da biodiversidade que nos cerca.

Maria Alice S. Alves

Universidade do Estado do Rio de Janeiro

pós-graduação, até ser encerrado em 2012. Vale lembrar que, como resultado, em 1993 publiquei a 1ª edição de “Aves no Campus”, com o saudoso Hélio Ferraz de Camargo, época em que no Brasil eram raros os guias de campo à disposição do grande público. Foram muitas as contribuições dos diferentes grupos de estudantes para a ampliação do número de espécies de aves identificadas, além de muitas observações interessantes. Ainda, pretendo publicar a 4ª edição de “Aves no Campus” com o acréscimo de cerca de 20 espécies que estão sendo ilustradas por Frederico Lencioni Neto.

Essa breve história do “tempo” é para estimular os ornitólogos que têm a oportunidade de trabalhar em diferentes campi universitários, ou mesmo outras instituições, que a qualquer momento é tempo de iniciar um trabalho regular de levantamento e anilhamento de aves. A contribuição ao conhecimento da avifauna e sua dinâmica, principalmente em áreas urbanas, em estudos de longa duração são extremamente raros, além de ser um campo importante para despertar novos jovens para a Ornitologia.

Elizabeth Höfling

Professora Titular aposentada da Universidade de São Paulo
Pesquisadora Associada do Museu de História Natural de Taubaté

NOTAS PARA A POSTERIDADE

A biologia das aves é tão diversa que para muitos é difícil escolher qual tema, espécie, ou bioma estudar. A diversidade de ideias que podemos explorar é imensa, mas vejo que algumas ainda são pouco desenvolvidas no Brasil. Por exemplo, inexplicavelmente existem relativamente poucos estudos sobre parasitismo de ninhada realizados no Brasil. E aqui não estou falando só do chupim (*Molothrus bonariensis*), mas também de outros parasitas como outros *Molothrus*, o saci (*Tapera naevia*) e as duas espécies de peixe-frito (*Dromococcyx* spp.), todos de ampla ocorrência no Brasil. Estudos com parasitas de ninho podem variar desde registros de novos hospedeiros, evolução de comportamentos, até questões aplicadas a conservação e manejo, pois várias espécies podem ser impactadas e ameaçadas por parasitas como o chupim. A biologia por trás destas espécies é impressionante e super interessante!

Sempre gostei de estudar a biologia reprodutiva das aves, mas apenas há alguns anos 'descobri' o enorme mundo das coleções científicas de ovos e ninhos de aves, que complementam em diversos aspectos as coleções de peles entre outras. Estas coleções de ovos e ninhos ainda são pequenas no Brasil, mas juntamente com grandes coleções do exterior disponíveis online (ex. FMNH, Berkeley, e principalmente da WFVZ) podem complementar estudos de campo e mesmo conter preciosidades, como dados de espécies supostamente ainda sem conhecimento da sua biologia reprodutiva. Por

exemplo, existem espécies cujos ovos e ninhos foram coletados há mais de um século, mas considerados como sem conhecimento da sua biologia reprodutiva. Chega a ser triste, se não patético, ignorarmos esta rica fonte de dados.

Um terceiro aspecto, que me incomoda muito, é o de ler artigos com estudos de longa duração (mais de 10 anos) que raramente ou nunca citam um estudo realizado no Brasil. Isto ocorre basicamente pelo fato de realmente existirem poucos estudos que coletaram os mesmos dados durante muitos anos. Sim, isso é difícil de ser realizado, depende de muitos financiamentos, e pode parecer até chato e repetitivo coletar os mesmos dados no mesmo local por muito tempo. Mas, estes dados de longo prazo são muito importantes para entendermos aspectos e respondermos perguntas impossíveis de responder com estudos de um ou poucos anos. Se você ficar interessado em criar um 'sítio permanente de estudos' de baixo custo, escolha uma área próxima de onde você mora ou frequenta todos os anos. Pode ser o campus da sua universidade, a cidade onde moram seus pais ou avós, ou seu local preferido de observação de aves. Imagina você ser 'obrigado(a)' a visitar seu local preferido todos os anos?

Miguel Ângelo Marini

Universidade de Brasília

ORNITO EM FOCO

O cortejo do tangará (*Chiroxiphia caudata*)

Em meio à densa vegetação da Floresta Atlântica, o tangará fascina ornitólogos e amantes das aves pela sua marcante dança de acasalamento. Esse ritual é realizado por vários machos que, em sincronia e coordenação, lutam pela conquista das fêmeas. Quem já teve o prazer de assistir a dança dos tangarás na natureza, ou até mesmo em documentários, certamente não economiza adjetivos ao descrever a emoção de registrar esse fenômeno tão intrigante.

A dança dos machos é complexa e envolve a repetição de voos circulares rápidos, combinados com vocalizações semelhantes a zumbidos e realizados sequencialmente por vários machos, que aguardam sua vez na fila, empoleirado diante da fêmea. Ela, por sua vez, assiste atentamente à dança, expressando sua excitação (ou às vezes a falta dela!) com rápidos movimentos da cabeça, mirando os machos ora com o olho esquerdo, ora com o direito, e até invertendo a direção do corpo no poleiro para melhor enxergá-los. A dança pode durar de poucos segundos até vários ininterruptos minutos. Após analisar milhares de horas de gravação, capturadas em expedições de campo em áreas protegidas no Paraná, nossa equipe do Laboratório de Ecologia



Manobra em voo lateral realizada por uma fêmea de tangará. **Composição de quadros extraídos do vídeo disponível em Ribeiro et al. 2019, Journal of Ornithology.**

Comportamental e Ornitologia (LECO) da Universidade Federal do Paraná descreveu características nunca antes registradas nestas danças e as estudou em suas minúcias. É intrigante quando um dos machos dançarinos se destaca, ao final da dança, ao realizar fortes batidas de asa, pairando no ar e emitindo sons estridentes enquanto os demais, empoleirados, o “reverenciam” sinalizando suas subordinações (será?). Muitas vezes, o dominante é bem sucedido e, após uma dança solo, conquista a cópula com a fêmea.



Machos de tangará finalizando o cortejo. Um indivíduo realiza fortes vocalizações e batidas de asas em voo pairado enquanto os subordinados permanecem empoleirados em postura de reverência. Fêmea empoleirada à direita. **Acervo do LECO/UFPR.**

No entanto, os tangarás são os que mais nos despertam grande curiosidade, dada a complexidade na organização e coordenação de vários indivíduos que, sincronicamente, demonstram habilidade e vitalidade em busca da conquista da fêmea.

Registramos pela primeira vez, também, comportamentos das fêmeas que até então passaram despercebidos, talvez diante da deslumbrante exibição dos machos. Elas realizam movimentos elaborados, como um rápido voo lateral (loop, ~0,33s de duração), registrado muito esporadicamente nas nossas mais de 1.000h de gravações. Além deste movimento, e além de demonstrar excitação durante a exibição dos machos, as fêmeas também vocalizam, não tão frequentemente quanto os machos, mas de forma bem perceptível. Mais detalhes destas descrições podem ser encontrados nos dois trabalhos publicados pela nossa equipe (Ribeiro et al 2019, Journal of Ornithology e Schaedler et al 2020, Bioacoustics) e em vídeos, todos no [site do LECO](#).

Ainda há muito a desvendar sobre este comportamento tão curioso e peculiar entre as aves. O tangará pertence à família Pipridae, que inclui outras espécies com cortejos extravagantes, como a rendeira (*Manacus manacus*) e o tangarazinho (*Ilicura militaris*).

Lilian Tonelli Manica

Laboratório de Ecologia Comportamental e Ornitologia
Universidade Federal do Paraná / Universidade Federal de Juiz de Fora

Dia Internacional das Mulheres

As dificuldades enfrentadas por pesquisadoras e observadoras de aves

Dia 08 de março é o Dia Internacional das Mulheres. Desde 1975, a Organização das Nações Unidas adotou essa data para lembrar as conquistas sociais, políticas e econômicas das mulheres, independente de divisões nacionais, étnicas, linguísticas, culturais, econômicas ou políticas. E diariamente, mulheres no mundo todo lutam para terem seus direitos respeitados, o que inclui também seu corpo, sua voz e suas ideias.

No Brasil já conquistamos muito, mas ainda estamos longe de ser um país com igualdade de gêneros e identidade sexual. Não é diferente no mundo da observação de aves e da ornitologia. Assim como em outras atividades que exigem viagens e trabalhos de campo, trabalhar com avifauna sempre foi um meio muito masculino, com raras mulheres mudando essa realidade. As dificuldades não são geradas apenas pelos preconceitos profissionais (“mulher não aguenta as dificuldades em campo”, “não sabe dirigir caminhonete”, “não tem coragem pra fazer isso”, “não tem competência para trabalhos mais complexos” etc.), mas também pelos papéis sociais impostos; é esperado que a esposa ornitóloga fique em casa cuidando dos filhos, e não o marido ornitólogo. É normal que mulheres abandonem a carreira para se dedicarem à vida pessoal (isto é, marido e filhos), mas caso seja um homem que faça essa escolha, será tachado de preguiçoso e incompetente.

Recentemente foi publicado um artigo relacionando a queda de publicações científicas de mulheres durante a pandemia com o fato delas terem menos tempo para se dedicarem ao trabalho, devido à jornada dupla no home office, o que praticamente não afetou a maioria dos pesquisadores homens.

A imposição do trabalho doméstico às mulheres é ainda maior quando fazemos um recorte racial. Para além do próprio lar, o serviço doméstico é a principal ocupação profissional de mulheres negras no Brasil, seguido por serviço de limpeza. Somada à questão do gênero, a marginalização de pessoas negras, resultado da falta de políticas sociais pós-escravidão, fez com que mulheres negras ocupassem um espaço muito pequeno nas universidades, e em todas as áreas do conhecimento, incluindo nas ciências naturais e ornitologia. Mesmo representando um quarto da população brasileira, mulheres pretas e pardas ocupam menos de 8% dos cargos de docência nas universidades do país.

Também é importante falarmos sobre as mulheres indígenas. Os povos originários são detentores de um vasto conhecimento em relação à categorização e hábitos de aves, conhecimento este utilizado recorrentemente em expedições naturalistas dos séculos passados e atuais. As línguas desses povos estão presentes em muitos dos nomes científicos das nossas espécies, porém sabemos pouco sobre a participação de mulheres indígenas na construção do conhecimento ornitológico, já que enfrentam a invisibilidade na comunidade científica, e na sociedade de maneira geral, ainda mais acentuada.

Felizmente, mesmo com as dificuldades, o sistema de cotas racial e social possibilitaram um aumento de estudantes negros e indígenas em universidades públicas, por isso espera-se que esse quadro mude a longo prazo. Porém, ainda precisamos de mudanças sociais e culturais para garantir a permanência e a ascensão desses jovens dentro da vida acadêmica.

A educação sempre foi vista como a principal forma de ascensão social para pessoas não-brancas, mas dentro das universidades e ambientes de trabalho, mulheres negras e indígenas continuam enfrentando dificuldades. Em relação a trabalhos de campo, essas mulheres podem sofrer discriminação de três formas: 1- pela cor, quando são questionadas sobre a aquisição dos equipamentos, ou enfrentam olhares receosos, julgando a vestimenta suja e gasta; 2- pela cor e pelo gênero, quando têm o papel de liderança questionado ou invalidado por outras pessoas, dentro ou fora da equipe; 3 – exclusivamente pelo gênero, situações comuns a todas as mulheres, como ter seu conhecimento ignorado e sofrer assédio sexual ou abuso psicológico.

Emilie Snethlage foi a pioneira de muitas pesquisadoras competentes e respeitadas no mundo da ornitologia, em um tempo muito mais difícil para as mulheres do que hoje, e abriu caminho para várias outras ([veja homenagem no Boletim da SBO de set/2020](#)). Neste Dia Internacional das Mulheres, desejamos que esses estereótipos se desfaçam. Que seja um momento de reflexão sobre qual tem sido nossa contribuição para perpetuar ou quebrar essa condição. Como conseguir que todos se relacionem com o mesmo respeito e profissionalismo no mundo da ornitologia e da observação de aves, independentemente de sua cor e identidade de gênero?

Claro que gostamos de presentes, assim como os homens também gostam, mas de que adianta um presente nesse dia se nos outros 364 dias do ano nossa realidade é outra? A maior conquista para nós enquanto seres humanos está na inclusão e no respeito, num mundo onde todas as pessoas tenham as mesmas oportunidades e reconhecimento.

Maria Antonietta Castro Pivatto, MSc.

Bióloga, especialista em Ecologia e Ecoturismo, Mestre em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional
Consultora em Turismo de Observação de Aves

Clarissa de Oliveira Santos, MSc.

Bióloga, Mestre em Ecologia e Recursos Naturais
Consultora Ambiental e Ilustradora



A Bióloga Clarisse de Oliveira Santos antes de liberar um indivíduo macho de Pica-pau-de-cabeça-amarela (*Celeus flavescens*) capturado durante atividades de campo.

Foto: Jéssica Borges

2021 marca o lançamento da terceira edição do Manual de Anilhamento de Aves Silvestres

O anilhamento de aves é uma técnica amplamente utilizada ao redor do mundo desde sua origem no século XVIII, sendo ainda hoje considerada uma ferramenta imprescindível para apoiar várias pesquisas e trabalhos em campo com aves silvestres. Trata-se de técnica bastante segura e efetiva, desde que sejam utilizados equipamentos e materiais adequados, inclusive aqueles relacionados com a biossegurança. Seu uso requer conhecimento, habilidade, responsabilidade e ética profissional. A experiência do anilhador também é um requisito importante para o bom uso da técnica e para a correta tomada de decisão em situações difíceis. No Brasil os primeiros registros de anilhamento de aves correspondem aos estudos de beija-flores realizados pelo pesquisador Augusto Ruschi nos anos de 1950. Na década de 1960, o anilhamento também passou a ser empregado para estudos sobre a dispersão de arboviroses por aves, em São Paulo, pelo Instituto Adolfo Lutz e, o Instituto Evandro Chagas, em Belém, também começou a utilizar a técnica no projeto sobre a estrutura de comunidades de aves da floresta amazônica, em parceria com o pesquisador norte-americano Thomas Lovejoy. Nesse mesmo período iniciou-se também um projeto de anilhamento de marrecas selvagens no Parque Zoológico de São Paulo. Nas décadas seguintes, os projetos de pesquisa e monitoramento de aves se multiplicaram e continuaram cada vez mais a considerar como primordial a marcação dos indivíduos monitorados para responder a diversas das questões levantadas.



O Centro Nacional de Pesquisa e Conservação de Aves Silvestres (CEMAVE/ICMBio), desde sua criação em 1977, tem sido o marco referencial para a atividade de anilhamento no Brasil, em especial pelo uso das informações como subsídio a políticas públicas nacionais voltadas à conservação da biodiversidade, bem como pela difusão do uso da técnica de anilhamento em aspectos de pesquisa básica ou aplicada. A realização dos cursos de anilhamento, logo no



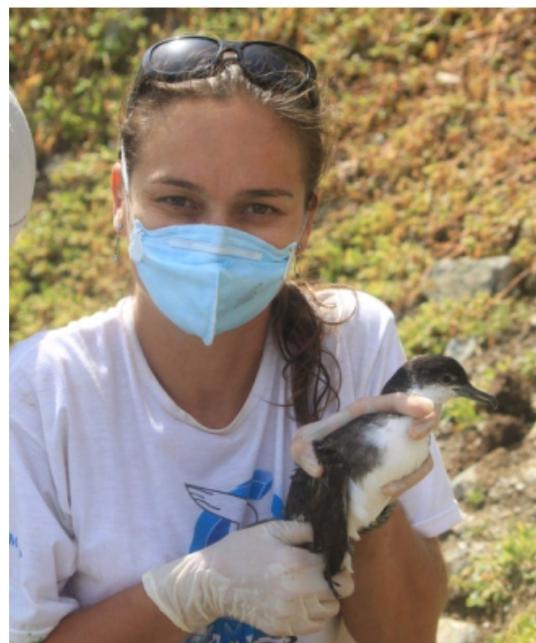
Redes ornitológicas em área de Caatinga. Foto: Roberta Rodrigues

início das atividades do CEMAVE, evidenciou o interesse deste Centro no treinamento e criação de capacidades específicas para o uso das técnicas de marcação no país. Surgiu então a necessidade da edição de uma publicação específica que orientasse o tema, em todos seus aspectos teóricos e práticos, contemplando devidamente tópicos primordiais para garantir a qualidade do trabalho e incentivar o interesse dos anilhadores pelos diversos usos da técnica. O nascimento da primeira edição do Manual de Anilhamento de Aves, em 1981, procurou suprir essa lacuna de fornecer material para orientar os cursos de anilhamento. Já com a intenção de alcançar um público cada vez mais amplo, a segunda edição do Manual de Anilhamento de Aves Silvestres foi publicada em 1994 e trouxe importante texto de referência para a época, revisando e ampliando a edição anterior. A publicação do Manual de Anilhamento, sob responsabilidade do CEMAVE/ICMBio, mantém em sua terceira edição o objetivo de divulgar requisitos e procedimentos recomendados para o uso da técnica de anilhamento no Brasil. Após alguns anos de trabalho, esta nova edição do Manual contém a atualização de conceitos e também novas orientações para os interessados na aplicação da técnica, bem como contextualiza o uso de

de outros marcadores. O livro na íntegra está disponível para download e ampla divulgação através do link https://www.gov.br/icmbio/pt-br/centrais-de-conteudo/publicacoes/publicacoes-diversas/fauna-e-flora/manual-de-anilhamento-de-aves-silvestres/manual_de_anilhamento_de_aves_silvestres.pdf.

O manual é destinado a pesquisadores, biólogos de campo, ecólogos, veterinários, estudantes, servidores de órgãos ambientais, além de ampla possibilidade de demais instituições interessadas, e procura incorporar o que há de mais recente na técnica e seu uso, difundindo o anilhamento dentro das melhores recomendações atualmente conhecidas. Esta nova edição contou com a colaboração de diversos especialistas convidados, além da equipe técnica do CEMAVE. Dentre as novidades principais estão tópicos sobre desenho amostral e análise de dados de anilhamento, primeiros socorros em aves durante captura, biossegurança em campo, métodos para determinar a idade de aves neotropicais, além do Código de Ética do Anilhador. Apresenta ainda orientações específicas para a marcação de beija-flores, aves de rapina, aves marinhas e aves limícolas.

Cientes de que a captura e marcação por anilhamento é uma das técnicas mais difundidas e utilizadas em campo para pesquisa e monitoramento de aves, o conjunto de autores desta nova edição espera contribuir com os estudos e trabalhos que envolvem a marcação de aves no país. Esperamos que através do anilhamento, associado a outras metodologias inovadoras, seja cada vez mais ampliado o conhecimento sobre a rica diversidade da avifauna nacional especialmente para temas como distribuição, demografia, sobrevivência, sucesso reprodutivo, longevidade, saúde, dispersão, migração, comportamento, resposta a mudanças ambientais e manejo, entre muitos outros temas que podem beneficiar-se do uso adequado de técnicas de marcação. Ressaltamos ainda que, atualmente,



O manual também apresenta recomendações de biossegurança durante os anilhamentos e capturas. **Foto: Isaac Simão Neto.**



O manual descreve procedimentos de primeiros socorros em aves. **Foto: Acervo CEMAVE.**

dados de anilhamento subsidiam a elaboração de políticas públicas formuladas pelo ICMBio, como a avaliação do estado de conservação da avifauna brasileira e Planos de Ação Nacionais (PANs) para aves ameaçadas. Neste contexto, a atualização e busca do aprimoramento do uso dos dados de anilhamento para a melhoria do estado de conservação das espécies de aves de nosso país é de grande interesse para o CEMAVE, bem como o incremento do número de aves anilhadas e suas recuperações no Brasil. Contudo, a preocupação principal do Centro continua sendo a qualidade do anilhamento e a capacitação dos anilhadores. Nesse sentido, esta terceira edição está disponível em formato eletrônico e de forma gratuita, facilitando o acesso à publicação e a maior divulgação de seu conteúdo.

A materialização do esforço do CEMAVE em publicar esta nova edição do Manual só foi possível graças ao apoio de diversas organizações e participação fundamental dos diversos autores de capítulos convidados.

Cabe nesta oportunidade agradecer a todos os envolvidos, indistintamente, que apoiaram a caminhada até o momento. Agradecemos primordialmente também aos anilhadores, principais motivadores para a elaboração deste material e atores-chave para que este trabalho se torne efetivo e mantenha o Brasil em sua posição de destaque na América do Sul, coordenando nacionalmente esta atividade, uma importante responsabilidade e privilégio no cenário internacional.

Patricia Pereira Serafini

Analista Ambiental

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)

Antonio Emanuel Barreto Alves De Sousa

Analista Ambiental

Instituto Chico Mendes de Conservação da Biodiversidade (ICMBio)

PERSONALIDADE ORNITOLÓGICA

Helmut Sick, o maior ornitólogo e naturalista do Brasil e minha curta, mas produtiva amizade com ele...

Foi no início da década de 70 que tive a honra de conhecer **Dr. Sick**, como era carinhosamente chamado por todos seus amigos e alunos, e nosso relacionamento começou por causa de papagaios que não conhecíamos. Por volta de 1974, chegaram dois papagaios “diferentes” no Passeio Público de Curitiba, que era o Zoológico da cidade, e sua identificação não foi possível. Eram lindos, com a coloração da cabeça e da parte ventral da cauda nada parecido com o que conhecíamos, e aí veio a dúvida, como saber?

Os papagaios vieram a óbito infelizmente e mandamos fazer a taxidermia em postura científica. Decidimos levar as peles para tentar a identificação na coleção do Museu Nacional no Rio de Janeiro, que ousadia!! Por carta marcamos a data e horário para nossa conversa a ser realizada no setor da Coleção de Aves, com o grande mestre da Ornitologia brasileira, Helmut Sick, de origem alemã, mas radicado no Brasil há muito tempo. Como todo bom alemão, ele nos recebeu na data e hora previamente marcada, um pouco frio no início de nossa conversa, mas mudando radicalmente quando abriu a embalagem onde estavam as duas peles que seriam o motivo do início de uma amizade única e inesquecível.

Uma das peles era de um papagaio-de-cara-roxa, *Amazona brasiliensis* e outro, de um charão, *A. pretrei*. Quanto ao primeiro, pouco ou nada era conhecido para a Ciência e, em relação ao segundo, já se tinha alguma informação graças a ornitólogos gaúchos e a Willian Belton, americano de origem, mas que se tornou um ícone da Ornitologia gaúcha por muitos anos, tanto na produção de trabalhos insuperáveis quanto pela dedicação e incentivo à observação de aves na natureza.

Então, assim iniciou-se nossa trajetória que culminou com o incentivo dele para eu começar a estudar o papagaio-de-cara-roxa na natureza, um grande desafio, que começou em 1982. Dr. Sick me emprestou sua Toyota Bandeirantes azul clara e me deu US\$ 100,00 para começar a ir a campo. Desde nosso primeiro encontro, outros aconteceram. Um deles, muito marcante, foi acompanhar as pesquisas em campo para inventariar a avifauna do estado de Santa Catarina, organizado pela minha amiga Lenir Alda do Rosário, na época bióloga da FATMA / SC (órgão ambiental estadual do estado de Santa Catarina) e pelo Padre Raulino Reitz. Quando eu ajudava o mestre a localizar aves mais rápido que eles e eu ganhava um elogio com as palavras que eu não devo mencionar aqui nesse texto por serem o que consideramos de “baixo calão”, mas eram prova de admiração pela minha capacidade de enxergar e localizar. Nestas expedições, e em outras mais, dividi quarto com ele em hotéis com estrelas e sem estrelas também, ele gostava de dizer que eu não fumava e eu lhe levava frutas, pois se considerava um grande “frugívoro” como os grandes cotingídeos brasileiros.

Outra ocasião marcante de nossa convivência foi no II Curso de Anilhamento de Aves promovido por Paulo de Tarso Zuquim Antas do CEMAVE em 1979 em Poconé, pantanal de Mato Grosso. Muitas celebridades na época como instrutores e alunos que se tornaram importantes cientistas da Ornitologia brasileira; lembro bem que “ele” pediu que eu fosse ao aeroporto de Cuiabá recepcionar suas queridas alunas Lenir Alda do Rosário e Maria Inez Ferolla, que já eram minhas amigas. Durante o curso, e em diversas outras ocasiões, eu localizei algumas espécies que ele duvidou da identificação e reinou comigo até conseguir enxergar um exemplar de garça-azul, *Egretta caerulea*, em um banhado ao largo do rio Bento Gomes. Novamente o Dr. Sick se surpreende com a minha visão e eu me sentindo o tal.



Cena dos trabalhos em Santa Catarina (Linha Coqueiros, Itapiranga/SC, 09/10/1980). À frente: Dr. Helmut Sick, Lenir Alda do Rosário e Tânia Rauh de Azevedo. Ao fundo: Pedro Scherer Neto e o motorista da FATMA. **Foto: R. Reitz.**

Quando fui presidente do Clube de Observadores de Aves do Brasil, decidi fundar núcleos pelo país afora e formamos um na cidade do Rio de Janeiro. O Dr. Sick foi um dos fundadores e acompanhou vários grupos de novos observadores em várias saídas a campo, muitas vezes bastante feliz, mas em algumas ocasiões meio irritado com a



Dr. Sick se preparando para o embarque durante a viagem pela Baía de Guaraqueçaba. **Foto: Pedro Scherer Neto**

repouso noturno, o que o deixou deslumbrado.

Nessa época eu lhe perguntei se poderia usar os dados coletados em campo para compor minha tese de mestrado junto ao Departamento de Zoologia da Universidade Federal do Paraná e também se me orientaria. Concordou imediatamente mas disse que tinha que ser uma tese muito boa, senão... Aí fiquei apreensivo, pois ele tinha alunos muito bons como os biólogos Dante L. M. Teixeira e Luiz Antônio Pedreira Gonzaga, que se tornaram grandes cientistas brasileiros. Desta forma, fui ao Rio de Janeiro mostrar o que eu já havia conseguido de informações e receber comentários do Dr. Sick, que me recebeu em seu apartamento no bairro de Laranjeiras, pequeno, mas bem organizado. Nessa ocasião, ele já estava viúvo e sempre falava de sua esposa e de sua doença adquirida em decorrência de inúmeras viagens pelo Brasil.

Defendi a minha tese de mestrado em 1989, em sua homenagem, e ainda nos encontramos mais algumas vezes até pouco antes de sua inesperada morte em 5 de março de 1991, quando foi a última vez que o vi de forma triste e lamentável em seu velório e enterro na cidade do Rio de Janeiro.

Seu legado para a ciência e pesquisa com aves no Brasil é inestimável e se traduz por inúmeros artigos publicados em revistas nacionais e internacionais, em descobertas de aves raras como a pátria da arara-azul-de-Lear *Anodorhynchus leari* na Bahia, mas principalmente pelo seu famoso livro ORNITOLOGIA BRASILEIRA, em dois volumes, enviado a mim com dedicatória e posteriormente em um volume único revisado e atualizado por um de seus mais queridos alunos, José Fernando Pacheco.

Nestes 17 anos de convivência que tive com o Dr. Sick, pude aprender e tê-lo como exemplo de dedicação ao estudo da avifauna brasileira, mesmo não tendo nascido no Brasil. Helmut Sick nasceu em 10 de janeiro de 1910 na cidade de Leipzig na Alemanha, de onde veio aos 29 anos para o Brasil acompanhando uma expedição junto com seu orientador de doutorado Adolf Schneider e sua esposa, a taxidermista Margarete Schneider, para coletar material ornitológico e estudar algumas espécies como o mutum-do-sudeste *Crax blumenbachii* e o jacu-de-estalo *Neomorphus geoffroyi*.

Em suas expedições pelo Brasil central e estado do Espírito Santo, contraiu malária, doença que lhe fez sofrer por muito tempo. Um fato de destaque em sua passagem pelo Brasil foi sua prisão por dois anos durante a II Guerra Mundial por perseguição política na Ilha das Flores e, mais tarde na Ilha Grande, onde nunca deixou de observar os arredores e fazer suas pesquisas. Em 1945 foi libertado e foi trabalhar na Fundação Brasil Central e, junto com os irmãos Vilas Boas, fez várias expedições para a região do rio Araguaia e Xingu, de cujas memórias surge seu livro "Tukani" uma história inigualável.

falta de prática de alguns, de certa forma bastante compreensível.

Veio ao estado do Paraná a meu convite para participar de Encontros de Ornitólogos que organizei no Parque Nacional do Iguaçu e nas dependências para visitantes da UHE da Guaricana, para conversar sobre a ornitologia no Brasil e também para conhecer onde vivia o famoso papagaio-de-cara-roxa. Tive a honra de lhe mostrar o habitat desse papagaio, navegando em canoas de madeira pela baía de Guaraqueçaba e acampando na Ilha das Peças, onde ele conseguiu ouvir e ver pela primeira vez esse famoso psitacídeo, ainda meio ressabiado, até avistar indivíduos desta ave em voo para chegada aos locais de

Em 1960 se afiliou ao Museu Nacional do Rio de Janeiro onde permaneceu até 1981 realizando seus estudos, culminando com o lançamento em 1985 de sua maior e mais importante obra, o livro ORNITOLOGIA BRASILEIRA, nossa bíblia até hoje...

Pedro Scherer Neto

Engenheiro Agrônomo

Divisão de Museu de História Natural, Prefeitura Municipal de Curitiba



Dr. Sick com um exemplar de *Amazona brasiliensis* no ombro.

Foto: Pedro Scherer Neto

EXPEDIENTE

Este Boletim é um instrumento de divulgação da Sociedade Brasileira de Ornitologia.

Periodicidade Trimestral; ISSN pendente.

CNPJ: 03.636.255/0001-33

SHIN QL12, cj03, cs15, 71525-235, Brasília/DF

Editor: Augusto João Piratelli (UFSCar)

Diagramação: André de Camargo Guaraldo (UFJF)



Promovendo o estudo e conservação das aves brasileiras desde 1987



Siga-nos nas redes sociais e sugira conteúdos para o Boletim da SBO



diretoria@ararajuba.org.br | www.ararajuba.org.br

DIRETORIA - GESTÃO 2020-2021

PRESIDÊNCIA

Maria Alice dos Santos Alves (UERJ)

SECRETARIA

André de Camargo Guaraldo (UFJF)

Patrícia Pereira Serafini (ICMBio/CEMAVE-SC)

TESOURARIA

Jonas Rafael Rodrigues Rosoni (UFRGS)

Thaiane Weinert da Silva (PUCRS)

CONSELHO DELIBERATIVO

Luiz dos Anjos (UEL)

Caio Graco Machado (UFES)

Henrique Bastos Rajão Reis (PUC-RJ)

Carla Suertegaray Fontana (PUCRS)

Vitor de Queiroz Piacentini (UFMT)

CONSELHO FISCAL (2020-2021)

Nadinni Oliveira de Matos Sousa (UnB)

Augusto João Piratelli (UFSCar)

Charles Gladstone Duca (UVV)